5. Conclusão

A teologia precisa de rejuvenescimento periódico. Seu maior perigo não é a mutilação mas a senilidade.¹ O Evangelho precisa da teologia para que este se torne efetivo, mas a teologia precisa do Evangelho para revitalizá-la. Esta compreensão não é uma novidade do velho liberalismo teológico dos séculos XVIII e XIX. É antes a antiga doutrina cristã, desenvolvida pelos profetas e apóstolos. Quando a Bíblia fala de redenção significa redenção do indivíduo mas também de um povo diante de poderes invasores. É a redenção das tiranias políticas, dos usurpadores do poder e das ditaduras que dominam nações e escravizam as massas.

Após chegar a sua paróquia em Safenwill, Barth começou a dar aulas na Associação de trabalhadores. Estas aulas são um excelente exemplo de seu socialismo primitivo.² Critica o subjetivismo, individualismo e idealismo da teologia liberal, mas critica também o capitalismo e o cristianismo “espiritualizado” que conduz a Igreja a um estado de alienação social. Ele a chama para se tornar a campeã na luta em favor dos fracos e explorados.³

O grande problema das teologias em certos períodos da história das Igrejas da Reforma tem sido o seu descompromisso com os problemas cruciais da sociedade. A Igreja tem uma parcela de culpa ao não tematizar em seus discursos e catequeses a causa da justiça social em prol do direito do pobre e do oprimido. A temática é bíblica e encontra-se nos profetas e em vários escritores do Novo Testamento. Grandes teólogos como Basílio Magno (330-379) desenvolveram um ministério voltado para a

¹ Cf. RAUSCHENBUSCH, Walter. *A Theology for the Social Gospel. op. cit.* p. 12.

² As aulas foram publicadas em dezembro/1911 no diário socialista de Aargau – *Der Freie Aargauer*. Nunca foi publicado na Alemanha. A primeira tradução para o inglês foi de 1976 por George Hunsinger em seu *Karl Barth and Radical Politics*.

³ GREEN, Clifford. (Ed.). *Jesus Christ and the Movement for Social Justice*. Em: *Karl Barth: Theologian of Freedom. op. cit.* p. 98-114.

ação concreta em favor dos perseguidos. Vivendo numa época de intensas controvérsias cristológicas, acrescentou a ortopraxia à sua ortodoxia, ou seja, seu comprometimento com a fé cristã o levou a experimentar uma libertação das coisas do mundo e a colocar-se do lado dos marginalizados. Seria hoje um teólogo da libertação no sentido pleno da palavra.

O perigo da teologia da Igreja é ela voltar-se para si mesma e realizar-se como um fim em si mesma, uma realidade intramuros. Esse alheamento fez com que Lutero não tomasse conhecimento do descobrimento da América nem tampouco Schleiermacher tematizasse o tráfico de escravos cujo auge foi em seu tempo. Tampouco Bultmann, Tillich e o próprio Barth consideraram isso um tema da teologia. No entanto Barth tem a seu favor o fato de ter denunciado outras formas de opressão como a ideologia do Nacional Socialismo na Alemanha e sua vocação para a exclusividade. Por causa dessa sua atitude tornou-se uma voz profética na Alemanha, ao lado de Bonhoeffer e Tillich, denunciando o grotesco e ao mesmo tempo alarmados com a inércia da Igreja Alemã que nada disse nem se pronunciou quanto ao genocídio. Barth manteve-se atento aos eventos de sua época desde a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a ascensão do nazismo e a questão do confronto Leste-Oeste do pós-guerra. Seus escritos políticos o mantiveram numa atitude de vanguarda em seu posicionamento teológico. Partiu do pressuposto que a tarefa da teologia é a reflexão da Igreja em busca de sua mensagem. Esta busca deve conduzir na direção de sua vocação para a missão no mundo.

A teologia como meio que promove, assessora e organiza a missão da Igreja tem uma função propedêutica em Barth. Não se parte dela para daí surgirem os caminhos para a tarefa cristã da Igreja no mundo. Primeiro se é comunidade, se experimenta a fé, se vive a relação com aquele que promove a esperança em meio às lutas. Para Barth a primeira comunidade cristã não foi aquela do Senhor com seus discípulos. É antes aquela em que Ele se solidariza com os dois ladrões e vive com

eles uma comunidade de dor e sofrimento. Ele foi crucificado em meio aos malfeitores. (Lc. 22,33)⁴

Diante de um mundo conturbado, o povo de Deus – *Laos* – se torna o povo sem pátria e sofrido – *ochlos* – nas periferias do mundo. A experiência pastoral deve nos conduzir a uma reflexão teológica sobre o Deus justo que vem ao encontro deste para que ele se nutra de esperança em um futuro que lhe pertence aqui e agora. Esta reflexão levou Barth e outros teólogos contemporâneos como Bultmann, Tillich e Moltmann a repensar conceitos clássicos da teologia como tempo e eternidade.⁵ A verdadeira escatologia não tem a ver com a história futura mas com o futuro da história.⁶ O *eschaton* da escatologia cristã não é o fim temporal de nossos dias históricos mas a presença do Eterno em cada instante desta história.

Diante do Eterno existe só um tempo: esse, segundo Kierkegaard é a eternidade. Essa é também a compreensão de Barth quando afirma: “O instante eterno confronta-se inigualável com todos os instantes, justamente porque ele constitui o sentido transcendental de todos os instantes.”⁷

Estamos vivendo o tempo da meia-luz de Romanos (13,12) “a noite está adiantada, o dia já está chegando.” É o tempo do “já e do ainda não”. (C. H. Dodd). É nesse contexto, da madrugada do tempo que a Igreja deve exercer seu ministério para o mundo. Barth nos conduz a deixarmos o moderno antropocentrismo para uma nova teocentricidade onde Jesus é o Senhor do tempo e da história.⁸ Em seguida de

⁴ Sermão em Basileia, 1957. cf. BUSCH, Eberhard. *Karl Barth: His life from letters and autobiographical texts. op. cit.* p. 415. CD. IV/3.2. § 71. The vocation of man. p. 639.

⁵ CD. II/1 § 3. The Eternity and Glory of God, P. 608-77. Barth trata do significado da eternidade de Deus. Ele é o Primeiro e o Último, o Alfa e o Ômega (Is.43,10; Sl.90,2). A expressão “de eternidade a eternidade”, comum no Antigo Testamento pode significar “de duração a duração” ou, “pura duração”. Neste duração Deus é livre (p.609). O termo $\alpha\omega\omega$ é o espaço de tempo fixado por Deus; eternidade é atribuída a Deus sob as categorias de início, sucessão e fim (p.611). Nesse caso Deus é pré-temporal (621), supra temporal (623) e pós-temporal (629). Cf. Tb. CD. III/2. § 47. Man in his time. p. 437-640.

⁶ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *A Vinda de Deus; Escatologia Cristã*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. p. 26.

⁷ BARTH. K. *Carta aos Romanos. op. cit.* p. 762 et. seq.; MOLTSMANN, J. *A Vinda de Deus. op. cit.* p. 30.

⁸ CD. III/2. § 47. Man in his time. I. Jesus, Lord of Time. p. 437 et. seq.

uma auto-interpretação histórico-psicológica da pessoa “religiosa” para a teologia histórica e para a humanidade de Deus atestada na Bíblia, para a mudança do discurso religioso para a proclamação da Palavra de Deus, da religião do sentimento para a fé cristã, da necessidade humana para o Deus Eterno que em Cristo se torna o Emanuel.

Vimos, ao longo desse trabalho, que Barth percorreu um árduo caminho até encontrar e apresentar a Igreja como “comunidade viva do nosso Senhor Jesus Cristo”. É a caminhada de uma vida, saindo da influência de seus renomados mestres da teologia liberal, passando pelos cristãos socialistas, assumindo o discurso do Deus *Totaliter Aliter* até chegar à humanidade de Deus em Cristo. Nele, Cristo, Deus é revelado como parceiro do ser humano. A Igreja, como corpo vivo de Cristo, assume um papel fundamental na proclamação da Palavra Revelada. Ela tem a função de pregar e atestar a veracidade dessa revelação. Só consegue fazer isso iluminada pelo Espírito Santo por quem ela foi enviada ao mundo para prestar testemunho do Senhor Ressuscitado e dizer que a aliança entre Deus e o homem constitui o significado último da História.

Para exercer o seu ministério a Igreja se utiliza da palavra e da ação. À palavra pertencem a adoração, a pregação, a instrução, a evangelização, a missão, a teologia. À ação pertencem a oração, o pastoreio, o serviço em benefício daqueles que necessitam de apoio e a ação profética. Esses ministérios implicam responsabilidade por parte de toda a comunidade, seja da parte do ministério ordenado seja por parte dos leigos.

Teologia é um exercício sobre a revelação no sentido de compreender o dado da fé. Como atividade humana vai ter sempre suas falhas e em consequência, revisão periódica. Aqui e ali cometemos nossos deslizes e surgem as heterodoxias. Barth tinha sensibilidade a isso, assim, com certa naturalidade, reviu seu percurso teológico e ocasionalmente refez seu caminhar. Por isso, ao falar em 1956, sobre a Humanidade de Deus, sua afirmação fundamental é que Deus se fez ser humano e está conosco. Deus dá um “sim”, um “sim” muito radical aos ser humano. Não só a pessoa humana

mas a tudo que faz parte da vida: às lutas humanas, às esperanças, às empreitadas históricas dos seres humanos. A encarnação de Deus não é o fecho da história, mas é sua abertura, à liberdade, à criação, à imaginação, à inventividade. A humanidade de Deus é a plena aceitação do ser humano. Por isso a teologia tem que ter sempre uma mensagem positiva. O ser humano não é bom, é verdade que somos pecadores mas é verdade também que Deus não nos abandona jamais. A teologia que indica um “não” de Deus vai de encontro ao Evangelho que é um “sim” de Deus a humanidade.

O Evangelho oferece-nos uma boa notícia; aos prisioneiros, a libertação; aos cegos, a luz; aos pecadores pobres ou ricos, a justificação e a santificação. Mas a todos é feito um chamado ao serviço e ao amor. Serviço pela causa do Reino quando Deus nos atinge. Esse Deus nos fala de dentro das situações, não de fora. E Ele nos fala de dentro a partir de Jesus Cristo, onde são destruídas todas aquelas noções falsas de divindade. É Ele quem nos mostra que Deus não existe sem o ser humano, isto é, sem a caminhada do de cada pessoa ao mesmo tempo que o ser humano é mais plenamente humano quando partilha, quando se socializa, quando é mais livre, quando cria uma comunidade.

Quando em 1963 Barth admitiu que dificilmente concluiria sua *Church Dogmatics* afirmou que alguns dos teólogos medievais que haviam tentado produzir uma *Summa* jamais a completaram e que algumas das mais belas catedrais também permaneceram inacabadas. No serviço fúnebre, na Catedral da Basileia em dezembro de 1968, Visser't Hooft,⁹ (1900-1985) expressou a gratidão do Conselho Mundial de Igrejas ao serviço pastoral e ecumênico que Barth tinha dedicado às igrejas em todo o mundo e concluiu que este serviço, ainda que não reconhecido totalmente no presente, seria honrado e redescoberto no futuro por gerações de teólogos que retomariam seus textos para servir de fonte para lidar com seus dramas e situações históricas concretas.

⁹ VISSER'T HOOFT, W. A. *Memoirs*. London: SCM Press Ltd.; Philadelphia: Westminster Press, 1973. p. 353.